RELATO PRÁTICO
V1 (2025): e22 doi 10.63923/sdes.2025.22

SUMMA DIÁLOGOS EM SAÚDE

"Patologização da vida": abordagens conservadoras vs modernas na psiquiatria e psicologia

Aline Motta Bitencourt[1], Lívia Rocha Helmer[2]

Destaques

- Diagnóstico: entre cuidar e rotular, o risco da medicalização excessiva.
- Importância de diagnóstico que aborde aspectos cultuais, sociais e econômicos.
- Equilíbrio entre rigor técnico e sensibilidade clínica.

A psiquiatria atual dispõe de novas abordagens e ferramentas diagnósticas, mas enfrenta um desafio persistente: experiências comuns podem se confundir com transtornos mentais[1]. A abordagem conservadora, mais alinhada ao modelo biomédico, propõe a nomeação de sintomas como meio de acesso ao cuidado, ampliando diagnósticos para garantir intervenção terapêutica. Já abordagens contemporâneas, mais críticas a esse modelo, alertam para o risco da medicalização do cotidiano, incluindo vivências como luto, estresse e insatisfação[2]. O cenário levanta questões éticas importantes: até que ponto diagnosticar é cuidar?

Fatores culturais, sociais e institucionais contribuem para a rotulação crescente do sofrimento, levando ao uso indevido de psicotrópicos e à depen-

[1]Uniceplac | [2]Faculdade Anhanguera de Guarapari

CC BY SA

dência do sistema de saúde[3]. Embora o modelo biomédico tenha limitações na abordagem de aspectos subjetivos, sociais e comunitários da saúde mental, a via medicamentosa é muitas vezes essencial, especialmente em quadros moderados e graves, nos quais a psicoterapia isoladamente não é suficiente[4].

A prática atual demanda equilíbrio entre rigor técnico e sensibilidade clínica, valorizando a escuta ativa, o vínculo médico-paciente e o uso de evidências que considerem os determinantes biopsicossociais. O enfrentamento da patologização da vida exige uma postura crítica e comprometida com o cuidado eficaz, integrando recursos psicoterápicos e psicofarmacológicos de forma ética e responsável. A convergência entre abordagens exige reconhecer a complexidade da vida psíquica sem reduzi-la a categorias fechadas.

A psicologia possui um campo extenso de abordagens para atender a população, seja através das intervenções terapêuticas ou analíticas. Existem abordagens que são mais embasadas em protocolos de atendimentos, estruturação de sessões e de práticas que são mais voltadas para nomeação e classificação dos transtornos mentais. São abordagens que utilizam o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) como o principal norteador para identificar transtornos mentais[5], isso não significa que as outras abordagens não utilizam o DSM para identificar um transtorno mental, entretanto, algumas abordagens ampliam a possibilidade diagnóstica, levando em consideração aspectos cultuais, sociais e econômicos de cada sujeito. Essas abordagens que possuem perspectivas ampliadas sobre saúde mental, são embasadas em pensamentos filosóficos e antropológicos que preconizam compreender como os funcionamentos sociais impactam na saúde mental das pessoas.

Atualmente vivenciamos a patologização da vida, termo utilizado para

discutir como comportamentos cotidianos estão "automaticamente" classificados como transtornos mentais[5]. A patologização ignora os efeitos da precarização do trabalho, a crise climática e econômica, para além de diversos fatores sociais que impactam a saúde mental da população. Existe uma necessidade urgente de que abordagens mais centralizadas no DSM. compreendam de forma mais abrangente as circunstâncias sociais, políticas e econômicas que constituem os sujeitos. A apatia, falta de memória, ansiedade, crises existenciais e demais sentimentos muito comuns hoje em dia, podem fazer parte de alguns transtornos, entretanto, muitos desses sentimentos são produzidos de forma social em uma sociedade construída com base no individualismo, pressa, consumo exacerbado, relações superficiais e demais interações completamente fadadas ao fracasso. Só é possível romper com a medicalização da vida, quando voltamos um pouco para trás e conseguimos lembrar como às vezes o "básico" funciona, compreendendo a importância da alimentação mais saudável, da movimentação do corpo e do fortalecimento das redes de apoio.

Referências

FRANCES, Allen. *Saving normal: an insider's revolt against out-of-control psychiatric diagnosis, DSM-5, big pharma, and the medicalization of ordinary life*. New York: William Morrow, 2013.

HORWITZ, Allan V.; WAKEFIELD, Jerome C. *The loss of sadness: how psychiatry transformed normal sorrow into depressive disorder.* Oxford: Oxford University Press, 2007.

WHITAKER, Robert. *Anatomy of an epidemic: magic bullets, psychiatric drugs, and the astonishing rise of mental illness in America*. New York: Crown Publishing, 2010.

GHAEMI, Nassir. *The rise and fall of the biopsychosocial model: reconciling art and science in psychiatry*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.

BUENO, Gina Nolêto; BRITTO, Ilma A. Goulart de Souza. Uma abordagem funcional para os comportamentos delirar e alucinar. Rev. bras. ter. comport. cogn., São Paulo , v. 13, n.3, p. 04-15, dez. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452011000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 23 abr. 2025.

MARTINHAGO, Fernada., & CAPONI, Sandra.. (2019). Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais. Physis: Revista De Saúde Coletiva, 29(2),e290213. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290213>. Acessado em 23 abr. 2025.